
A
CORRENTE
2.ª EDIÇÃO
HÁ COISAS
QUE DEVIAM
FICAR ENTERRADAS
FILIPA AMORIM

Come as you are, as you were
As I want you to be
As a friend, as a friend
As an old enemy
Take your time, hurry up
Choice is yours, don't be late
Take a rest as a friend
As an old
Memoria, memoria
Memoria (no I don't have a gun)

Nirvana, «Come as You Are»

«Talvez não exista tal coisa como bons amigos ou maus amigos — talvez existam apenas amigos, pessoas que estão ao teu lado quando estás magoado e que te ajudam a não te sentires tão sozinho. Talvez valha a pena preocuparmo-nos com eles, e ter esperança por eles, e viver por eles. Até mesmo morrer por eles, se for preciso. Nem bons amigos, nem maus amigos; apenas pessoas com quem queres estar, com quem precisas de estar.

Pessoas que constroem as suas casas no teu coração.»

Stephen King, *A Coisa*

I, I'm a new day rising
I'm a brand new sky
To hang the stars upon tonight
I am a little divided
Do I stay or run away
And leave it all behind?
It's times like these you learn to live again
It's times like these you give and give again
It's times like these you learn to love again
It's times like these time and time again

Foo Fighters, «Times Like These»

Prólogo

Quando as pás encontraram a dureza da madeira em vez de mais terra, os coveiros entreolharam-se.

— O que vem a ser isto? — arquejou Manuel.

— Sei lá! Não disseram que o espaço 'tava livre pr'ó Esteves? — bradou José.

Continuaram a cavar até revelarem a superfície do caixão. A cada pazada de terra que lhe tiravam de cima, a tensão crescia entre ambos. José foi o primeiro a perder a compostura. Atirou a pá para o monte de terra que formara ao seu lado, tirou as luvas com um safanão e sacou o telemóvel do bolso de trás das calças.

Manuel manteve a pá na mão, apoiando-se nela quando os joelhos começaram a tremer. Não queria que o colega o visse fraquejar. Trabalhavam juntos há oito anos e nunca o deixara vê-lo ir-se abaixo. Gostava de poder ser como José, duro como pedra.

Mas aquilo era mau. Não sabia como nem quando, mas, para aquele caixão estar ali, alguém tinha feito merda. E ou muito se enganava, ou era para cima de si e de José que iam querer mandá-la, raios partam.

Esperou enquanto o colega procurava o contacto no telemóvel, o encostava à orelha e voltava a deitar um olhar abismado à cova.

— 'Tou? Ó chefe, olhe que tem de vir ao cemitério, há uma coisa que tem de ver!

Acenou ao que ouviu do outro lado da linha, como se o outro o pudesse ver.

— Mas não demore, 'ca gente tem de saber onde raio é que vamos abrir a cova pr'ó Esteves, 'tá bem?

*

Hélder Montalvor, comandante da GNR de Santa Cruz, enfiou a arma no coldre e dirigiu-se à porta, com a sua equipa atrás de si.

— Mas o que é que os velhos disseram, chefe? — insistiu Luís.

— Nem percebi bem! Acho que estavam a abrir a cova para o Heitor Esteves e, afinal, já lá estava outro caixão.

— Então, mas eles não têm o registo das covas que já estão ocupadas?

— Sim, se eles não souberem os espaços que estão livres, quem é que há de saber? — acrescentou Anabela.

— Olhem, eu é que não sou de certeza — resmungou Hélder.

Entraram para o carro-patrulha. A viagem até ao cemitério, que costumava demorar menos de meia hora, levou quase uma. Estava um trânsito infernal na Nacional 247 e o calor, anormal para finais de maio, também não ajudava. Hélder passara a manhã à secretária, ocupado com papelada para arquivar. Com a ventoinha no máximo, voltada para si, olhava para lá da enorme janela do escritório, cujo vidro quase derretia à chapa do sol, e planeava formas de se despachar cedo, ir a casa buscar a mulher e as tralhas de praia e estender-se de papo para o ar no Guincho. Caramba, há quanto tempo não o faziam, só os dois? Judite era mais sereia que mulher, valha-lhe Deus, e se passasse muito tempo sem ir à praia começava a entrar em parafuso.

Depois de passarem a área onde se dera o acidente que motivava todo aquele trânsito, a viagem foi mais rápida. Luís e Anabela não se calavam, animados com a chamada dos coveiros. Teciam teorias, cada uma mais mirabolante que a outra. Hélder teve vontade de lhes berrar que se calassem, mas conteve-se.

Já tivera a idade deles e já sentira a adrenalina de um caso que pudesse quebrar a maldita rotina do dia a dia em Santa Cruz.

Sentiu-se grato por, ao chegarem ao cemitério, ver que ainda não havia aparato em torno da descoberta de José Ramires e Manuel Antunes. Os dois não deviam ter alertado mais ninguém. Contudo, um carro-patrulha a passar a caminho do cemitério era tão bizarro que não demoraria até que os mirones começassem a aparecer. Estacionaram em frente aos portões e saltaram do carro, Hélder à frente, Luís e Anabela logo atrás.

Os coveiros, encharcados em suor, continuavam à beira da cova aberta. José, o mais velho, tirou o boné esfarrapado da cabeça quando viu os guardas chegarem e avançou de mão estendida para os cumprimentar.

Capítulo 1

Ninguém precisou de lhe confirmar que a rajada de vento que a desequilibrou, assim que as portas do autocarro se abriram, era um mau presságio.

Gabriela analisou o céu, de um azul perfeito, enquanto as ondas do cabelo louro-trigo esvoaçavam em torno do rosto, e o vestido em redor das pernas. Quase cedeu à vontade de tornar a entrar no autocarro. Não era bem-vinda e não queria provocar a ira divina ao pisar a terra. Porém, assim que os pés tocaram a calçada, o vento parou. Ouviu as portas do autocarro fecharem-se enquanto o veículo retomava a marcha. Compôs a saia e olhou para a longa avenida que separava as vivendas a torrarem ao sol, da muralha de pedra branca, da arriba e da praia lá em baixo. As saudades e o medo encheram-lhe os olhos de lágrimas.

Não saberia dizer quanto tempo teria ali ficado se o telemóvel não tivesse começado a tocar.

— Sim?

— Olá, Gabi. Já chegaste? — perguntou Daniel.

— Saí agora mesmo do autocarro.

— Ainda bem. Vem ter ao Farol.

Tinham-se despedido nesse mesmo lugar, sem perspetivas de ela algum dia voltar a Santa Cruz, por isso fazia sentido encontrarem-se lá agora.

O Farol era o bar da Praia do Mirante e o refúgio dos jovens da vila. Gabriela perdera a conta às tardes e noites de verão que ela, Daniel e os outros tinham passado ali. Ainda hoje era gerido por Joca, com Belinha a seu lado como chefe das empregadas, posto que ocupava desde os 15 anos.

Agora já devia passar dos 30. Gabriela avistou-a ao descer a escadaria de madeira que levava à praia. Tentava prender uma das madeixas da juba de cabelo louro atrás da orelha e começou a virar-se para tornar a entrar no bar.

Foi aí que reparou em Gabriela, empalidecendo como se visse uma assombração.

— Gabi?

— Olá, Belinha!

— Estás tão diferente!

— Já tu continuas na mesma! Não envelheceste nem um bocadinho.

Belinha abafou uma gargalhada, dividida entre o choque e a alegria. Trocaram um abraço rápido, antes de ela recuar para voltar a admirá-la.

— O que é feito de ti?

— Fui viver para o Algarve há uns anos.

— Pois, com o bronze com que estás, vê-se mesmo que continuas perto da praia.

— Obrigada.

— E agora já percebi de quem é que o Daniel está à espera! Anda, eu levo-te a ele.

Gabriela deixou Belinha conduzi-la para o interior do bar, onde a mudança de luminosidade e temperatura lhe provocou um arrepio. Pestanejou para focar a visão e viu Daniel, lá ao fundo.

Estava sozinho numa mesa junto à janela, que ocupava quase toda a parede voltada para o mar. Vestia uma *T-shirt* branca, umas calças de ganga coçadas e uns ténis velhos. Àquela distância, parecia ter parado no tempo. A pele curtida pelo sol, o cabelo louro-escuro desalinhado, um pouco mais comprido do que a maioria dos homens usaria, a ruga funda entre as sobrancelhas espessas e os olhos, de um azul desarmante, continuavam os mesmos.

O coração acelerou-lhe e a vontade de fugir voltou a invadi-la.

— Daniel, olha quem voltou! — anunciou Belinha.

Daniel olhou para a porta e também pareceu ser assaltado por uma visão do além. Gabriela conseguiu recuperar primeiro e obrigou os lábios a formarem um sorriso.

— Vais lá sentar-te com ele? Queres beber alguma coisa? — perguntou Belinha.

— Pode ser uma água com gelo e limão, por favor.

— É para já.

Daniel levantou-se enquanto Gabriela se aproximava. Ela viu-o descer os olhos pelo seu corpo e absorver as mudanças por que passara desde a última vez que se tinham visto. Há quanto tempo fora? Sete anos? Oito?

Não importava. Quando transpôs o último metro que os separava e lhe enlaçou o pescoço nos braços, e ele lhe envolveu a cintura nos seus, os anos evaporaram-se.

— Tive tantas saudades tuas… — segredou-lhe Daniel ao ouvido.

— E eu tuas.

Daniel soltou-a devagar, como se temesse que, atrevendo-se a largá-la, a perdesse para sempre, e acabou por lhe indicar uma das cadeiras livres.

— Disseste que tinhas saído do autocarro?

— Sim, vim de comboio de Faro até Lisboa e depois apanhei o autocarro para cá.

— Não tens carro?

— Tenho, mas a minha irmã precisou dele. O dela está na oficina há duas semanas. Olha, e estamos à espera de alguém?

— Sim, mas ainda é capaz de demorar.

Falaram de tudo e de nada, ansiosos por preencher os silêncios e por recuperar o tempo perdido. Trocaram novidades e riram-se dos episódios mais cómicos que cada um tinha passado, mas, no fim, como tantas vezes, o riso deu lugar ao vazio.

Gabriela olhou de viés para Daniel. Procurou algo com que aligeirar o ambiente, mas o desconforto já se instalara. Limitou-se a observá-lo, pensando nas centenas de vezes em que este falara mais alto do que as saudades.

E quando Daniel voltou a olhá-la nos olhos, Gabriela arrependeu-se de o ter desejado.

— Desculpa ter-te obrigado a voltar — balbuciou Daniel, com a voz mais pesada.

— É bom que tenhas um motivo mesmo muito forte para o teres feito.

— Tenho, acredita que tenho.

— E vou ter de esperar muito mais para saber o que é?

— Não, estou só à espera que chegue o resto da companhia e depois conto.

Gabriela preparava-se para tentar arrancar-lhe o nome dessa misteriosa companhia, mas não teve tempo. Assim que abriu a boca, aperceberam-se de movimento à entrada do bar.

E quando Alexandre e Mariana entraram e olharam para eles, Gabriela sentiu o coração cair-lhe aos pés.

Aqueles dois nada tinham que ver com os miúdos que conheceu, sempre de calças de ganga e *sweats* de capuz, cabelos ao vento e peles curtidas pelo sol e sal. Mariana, mais magra do que antigamente, agora com o cabelo liso e com um corte elegante, entrara a olhar em volta, de cenho franzido e a afagar os braços. Alexandre, que se tornara num daqueles homens conscientes do seu bom aspeto, de cabelo propositadamente despenteado e calças chino de linho caro, envolvia-lhe a cintura com o braço, aconchegando-a a si. Gabriela recordou-se, com um murro no estômago, de que eles tinham casado.

Daniel e Gabriela levantaram-se. Alexandre e Mariana aproximaram-se com receio, como dois condenados a caminho da forca. Quando os abraçaram, Gabriela percebeu que as saudades

se faziam acompanhar de uma tensão que não devia existir, mas que nenhum deles conseguia ignorar.

— Vão querer alguma coisa? — perguntou Belinha.

— Sim, traz uma rodada de *Jameson*, por favor — pediu Daniel.

Capítulo 2

Belinha pousou os copos e a garrafa na mesa.

— Vou deixá-la aqui porque, pela cara com que estás, não me parece que uma dose vá ser suficiente.

Daniel agradeceu e, quando ela se afastou, levantou o copo no ar.

— Ao passado, que nunca nos há de deixar em paz.

Reparou no olhar que Mariana e Gabriela partilharam, como tinham partilhado a vida inteira, aquela estranha espécie de telepatia que deixava sempre os outros de fora. Gabriela massajou o pescoço e baixou o olhar para a mesa. Mariana, por sua vez, pegou no copo e juntou-o ao seu.

Alexandre e Gabriela fizeram o mesmo. O ruído do vidro a chocalhar cobriu-os de pele de galinha e quebrou o silêncio que caíra no bar.

Tinham passado anos e anos sem se verem, e tinham mantido tão pouco contacto que já pouco ou nada sabiam uns dos outros.

Daniel esperou até esvaziarem todos os copos e ter servido as segundas doses antes de se render à pressão do olhar de Mariana.

— O Francisco apareceu.

Foda-se, pensou, contorcendo-se na cadeira. Achava que seria capaz de lhes dar a notícia sozinho — tinha pedido para assim ser, na verdade, rejeitando a ajuda de Hélder —, mas agora arrependia-se.

— Como assim? O que queres dizer com isso? — ripostou Alexandre.

— Quer dizer que ele está morto — disse Mariana, inexpressivamente.

Alexandre e Gabriela olharam para ela. Não havia a mínima hesitação na sua voz, nem tinha desviado um milímetro o olhar gélido do de Daniel. Ele concordou com um único aceno e assistiu enquanto o caos se instalava.

Alexandre escorregou para trás na cadeira, empalidecendo, e Gabriela não conseguiu evitar um soluço.

— Mas… como? Desde quando? — perguntou Gabriela, as lágrimas a cair.

— Há nove anos — murmurou Daniel.

— Que raio é que estás para aí a dizer?! — berrou Alexandre, inclinando-se sobre a mesa e segurando o bordo com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos.

— O que ouviste. O Francisco morreu há nove anos e o corpo apareceu agora.

Daniel começava a perder a paciência. O que é que eles achavam que teria acontecido? Que o amigo tinha ido dar uma volta e aparecia nove anos depois como se nada fosse?

Mariana era a única que continuava impávida e serena, apertando a mão de Gabriela, num gesto antigo de conforto.

— Onde é que o corpo estava? — inquiriu Mariana.

— No cemitério. Tinha sido… enterrado às escondidas.

— *O quê?* — arfou Alexandre.

Alexandre queria continuar, mas Mariana pousou a outra mão no seu ombro com força suficiente para o calar, e lançou um olhar decidido a Daniel.

— OK, começa. Do princípio.

Daniel inspirou fundo e começou a contar-lhes o que Hélder lhe contara mais cedo: que um tal Heitor Esteves tinha sofrido um ataque cardíaco na tarde de quarta-feira e que a cova que seria aberta para ele, na área reservada à família, já estava ocupada com outro corpo. Os primeiros exames determinaram que se tratava de um homem branco, jovem e de estatura média, e que, pelo estado de decomposição, já devia estar enterrado há perto de uma década.

— Mas pode não ser ele! — Alexandre levantou a voz.

— Se o tivessem visto, saberiam que é o Francisco.

Gabriela não conseguia parar de chorar. Mariana envolveu-a nos braços, deixou-a deitar a cabeça no seu ombro e começou a fazer-lhe festas no cabelo, como se de repente fossem miúdas de novo. E era também, pensou Daniel, um gesto de empatia a que Mariana devia estar habituada, de tantas vezes que o devia usar com as famílias dos pacientes a quem tinha de dar más notícias.

— E agora? — murmurou Alexandre.

— Agora tem de se fazer a autópsia, mas tenho a certeza de que é ele.

— E o chefe Hélder?

— Concorda comigo. Ainda tentou que eu não espreitasse para a cova, mas não conseguiu. E a seguir arrastou-me até aos portões a dizer que eu não podia espalhar isto por aí, que ia ser o descalabro quando se soubesse que era o Francisco, que a Polícia tem de tentar avançar com a investigação o mais possível antes de isso acontecer…

— Mas o que é que estavas a fazer no cemitério? — interrompeu Alexandre.

— Investigação? — balbuciou Gabriela, endireitando-se de repente, sobrepondo-se a Alexandre.

— Claro, para se descobrir quem é que lhe fez aquilo. — Daniel virou-se para Alexandre: — Vi o carro da polícia a estacionar no cemitério e achei estranho, não sei porquê. Mas algo me dizia que…

Vendo o olhar de Gabriela ficar ainda mais desnorteado, Mariana virou-se para ela com toda a calma.

— Ele foi morto, Gabriela. Ninguém acaba naquelas circunstâncias por acidente. E a Polícia não pode recusar-se a abrir um processo e…

— Mas já passaram nove anos!

— Isso não quer dizer nada.

Daniel preparava-se para concordar com Mariana quando o telemóvel começou a tocar. Tirou-o do bolso e o olhar que lhe deitou foi suficiente para os outros adivinharem quem estava a ligar.

— Sim?

— Olá, Daniel — disse Hélder Montalvor. — Já sabes alguma coisa do Alexandre, da Mariana e da Gabriela? Sempre falaste com eles?

— Sim, e já chegaram. Estamos no Farol.

— Ótimo, ótimo. Vamos precisar de falar convosco.

— Claro. Pode ser em minha casa?

— Sim, é uma boa ideia. Vão andando que nós vamos lá ter.

Assim que desligou, Mariana levantou-se e puxou Gabriela e Alexandre consigo.

— Ele quer ver-nos, não é?

— Sim — confirmou Daniel, levantando-se também. — E ou muito me engano ou, pela voz dele, já têm o resultado da autópsia.

— Está a ser depressa de mais… Está tudo a ir depressa de mais… — soluçou Gabriela.

— Para o Francisco, não — disse Alexandre. — Para o Francisco, já não era sem tempo.

Capítulo 3

Ninguém abriu a boca durante a viagem. Daniel gostava de poder culpar o calor, mas era uma desculpa esfarrapada. Se não fosse, ao entrarem em casa e serem recebidos por aquela frescura abençoada, o desconforto que os consumia teria desaparecido, não era? Mas continuava presente, e só piorou quando, ainda mal se tinham sentado nos cadeirões e sofás ouviram as batidas na porta. Daniel foi abri-la e conduziu os polícias à sala.

Hélder Montalvor entrou ladeado por Paulo Batalha e Anabela Semedo. Avançou de mão estendida para Alexandre, cumprimentou-o, tal como fez com Mariana e Gabriela, tossiu para clarear a garganta, deixou cair a mão e preparou-se para começar o discurso que devia ter vindo a ensaiar no caminho.

— Suponho que o Daniel já vos tenha posto a par daquilo que descobrimos no cemitério. Viemos dizer-vos pessoalmente que já temos o resultado da autópsia e que sim, o cadáver pertence ao Francisco. E quisemos vir dar-vos os nossos sentimentos. Lamentamos muito que isto esteja a acontecer.

— Obrigada — murmurou Gabriela.

— Também queremos que saibam que, apesar de ele já estar morto há nove anos, o caso não vai passar em branco — continuou Hélder. — Vamos reabrir o processo e o culpado ainda vai ser apanhado e condenado. Penso que todos sabem que a pena para um crime destes só prescreve ao fim de vinte anos.

— Sim, sabemos. Mas se não se conseguiu resolver na altura em que ele desapareceu, acha mesmo que se vai resolver agora? — perguntou Alexandre.

— Na altura em que ele desapareceu, não havia corpo ou qualquer tipo de indícios. Mas desta vez há, por isso podem crer que vou levar isto até ao fim.

— Muito bem, e o que podemos fazer para ajudar? — perguntou Mariana.

— Podem dar-nos os números dos pais do Francisco. Os que tínhamos estão desatualizados, mas precisamos de os chamar cá para falarmos com eles — explicou Anabela.

— Eu tenho o número da mãe dele — avisou Gabriela.

Tirou o telemóvel da mala e, com as mãos a tremer, procurou o número de Sandra, mas estendeu o telemóvel a Anabela sem chegar a iniciar a chamada.

— Mantiveram-se próximos deles? — perguntou Hélder.

— Bem… sim. Quer dizer, falamos de vez em quando… — confessou Daniel.

— Ainda pensámos duas vezes em contar-lhes do casamento. Eles tinham-se divorciado há menos de um ano e estávamos com algum receio de que não reagissem bem, mas acabaram por ficar felizes por nós — explicou Alexandre, com Mariana a assentir enquanto ele falava.

— E eu ligo-lhes sempre no Natal e no Ano Novo — acrescentou Gabriela, baixando o olhar para as mãos. — Eles vão ficar de rastos…

— Infelizmente, não temos alternativa, temos mesmo de os chamar de volta — disse Hélder, já a levantar-se. — Vamos voltar ao posto para reunirmos com a equipa da PJ que ficará encarregada do caso. E não fiquem com essas caras — alertou, ao ver o olhar que Daniel e Alexandre trocaram. — O facto de eles virem com dois pares de olhos virgens talvez os deixe ver o que nós não fomos capazes de ver na altura.

— Esperemos que tenha razão — disse Gabriela.

— Eu levo-vos à porta — ofereceu-se Daniel.

Gabriela, Alexandre e Mariana mantiveram-se em silêncio até ele voltar.

— E agora? — perguntou Alexandre.

— Agora, esperamos. Assim como assim, não podemos fazer nada pelo Francisco até lá — decidiu Mariana. — E eu preciso de uma pausa. Preciso de pôr a cabeça em ordem.

— Claro, tira o tempo que precisares — concordou Daniel. — Fazemos assim: vou às compras, porque não estava a contar convosco para o jantar…

— Espera, vamos ficar aqui?! — interrompeu Gabriela.

— Sim… Tens alguma ideia melhor?

— Não, não, é só que…

Nem há hora e meia, aquela ideia teria parecido descabida a qualquer um deles, mas iam mesmo ter de voltar a dormir todos sob o mesmo teto.

— Podem ficar num dos hotéis ou na pensão, se quiserem, mas sabem que há aqui quartos suficientes e não precisam de gastar dinheiro — avisou Daniel.

— Nós não temos problema em ficar aqui, pois não, Alex? — inquiriu Mariana.

— Não.

— Eu também fico — rendeu-se Gabriela.

— E a Sandra e o João Paulo? — atalhou Mariana.

— Pois, não tenho quartos para eles… se ficassem juntos num, ainda tinha, mas dois não. E é chato estar a oferecer ao João Paulo e não oferecer à Sandra…

— Claro, mas de certeza que eles não terão problema em ficar no hotel do centro.

— Podemos dizer-lhes isso quando chegarem. Até lá, vou às compras para o jantar.

— O Alex vai contigo — informou Mariana, apressando-se a continuar ao ver o olhar que ele lhe lançou. — Vai ajudá-lo com as compras, por favor. Se ele for sozinho, sabes que se esquece de metade do que vamos precisar.

— Ei, até parece! — reclamou Daniel.

— Até parece que não é verdade! — corrigiu Gabriela. — Não me digas que te tornaste um ás dos supermercados desde a última vez que te ofereceste para ir às compras.

— Não me esqueci assim de tanta coisa…

— Não há problema, eu vou contigo — interrompeu Alexandre, voltando-se ainda um segundo para Mariana. — Queres que te traga alguma coisa?

— Uma ou duas caixas de aspirina, por favor. E, só por via das dúvidas, vê se consegues que me passem qualquer coisa para dormir na parafarmácia.

Alexandre anuiu, deu-lhe um beijo na testa e voltou-se para Daniel, que já começava a contornar os sofás e a dirigir-se à porta.

— Gabi, precisas de alguma coisa?

— Não, não se preocupem. Se precisarem que adiantemos alguma coisa por cá, liguem, está bem?

— Sim, mas não se preocupem, não vamos demorar — garantiu Alexandre.

Daniel deitou um último olhar por cima do ombro antes de sair e sentiu uma ferroada no estômago ao pensar que aquele olhar que Mariana e Gabriela partilhavam não era, de longe, o que esperava que tivessem quando finalmente voltassem a casa.

Capítulo 4

Embora custasse como os diabos, Alexandre conseguira manter-se sob controlo, mas apenas porque tinha Mariana ao seu lado.

Soube, logo ao ler a mensagem de Daniel, que se aproximava algo mau. O primeiro impulso foi fugir-lhe, conservar a paz que tinha conseguido conquistar ao lado da mulher e evitar a bomba que o amigo se preparava para lançar nas suas vidas. Se é que ainda podia considerá-lo amigo. Se calhar, tinham passado demasiados anos. Sim, por um segundo ainda questionara se Daniel merecia aquilo da sua parte. Se não seria melhor fingir que nem sequer vira a mensagem, não chegar a dizer a Mariana que a recebera e continuar a sua vidinha como se nada fosse.

No segundo seguinte, a maldita lealdade falou mais alto, como sempre.

Por isso, mesmo com a ansiedade a agravar-se enquanto se preparava para a viagem, mesmo com a voz da consciência a berrar-lhe que estava a cometer um erro, convenceu Mariana a entrar para o carro consigo, fizeram a viagem até Santa Cruz e sentaram-se com Daniel e Gabriela à mesa do Farol para ouvirem a verdade sobre Francisco. E quando ela veio à tona, não conseguiu sentir nada além de uma tremenda vontade de gritar.

Não o fez, mas só porque estava com a Mariana e queria livrá-la do fardo de ter de o apoiar. Desta vez, pelo menos, já que ela o fazia sempre e com uma perfeição que lhe dava vontade de esmurrar qualquer coisa, porque o fazia com que se sentisse um merdas, inútil e impotente. Mas não desta vez. Desta vez, queria ser ele a sua fonte de apoio.

Porém, ao incentivá-lo a ajudar Daniel com as compras, ofereceu-lhe uma escapatória, e Alexandre não conseguiu evitar o misto de alívio e culpa que sentiu ao aceitá-la. Quis dar ouvidos ao bom senso, mas a cobardia falou mais alto. Guiou até ao supermercado sem abrir a boca e ajudou Daniel o melhor que pôde, desejando conseguir manter a calma até ao fim.

A máscara só caiu quando se deparou com o letreiro que encimava as prateleiras da *Super Bock*, com o slogan que o atingiu com um murro no peito.

«Leva a amizade a sério.»

Leu as palavras uma vez e, à segunda, perdeu a cabeça. Pressentiu-o, o momento em que o controlo lhe escaparia por entre os dedos, o descer da dor pelas costas e pelos braços, mas não conseguiu evitá-lo. Desabou sobre a prateleira enquanto a cabeça se enchia de memórias de Francisco e das centenas de vezes em que partilhara uma cerveja com ele, Mariana, Daniel e Gabriela, nos melhores e piores momentos das suas vidas.

A *Super Bock*, a marca preferida dos cinco, lançara aquele slogan poucos anos depois do desaparecimento de Francisco. Alexandre tinha 23 na altura e estava sozinho em casa, estiraçado no sofá, com um pacote de batatas fritas no colo, à espera de que começasse a segunda parte do Benfica-Porto, quando viu o slogan pela primeira vez, e perdeu a cabeça nesse instante com o mesmo desespero com que perdia agora.

«A amizade é para levar a sério.» Quantas vezes teriam ouvido Francisco dizer aquilo? Quantas vezes lhes teria tentado transmitir a essência daquilo que os unia de forma tão simples como era para si, sem tretas, sem floreados? «A amizade é para levar a sério, hoje e todos os dias, senão não é amizade nem merda nenhuma.»

Uma descarga de raiva inflamou-lhe o braço direito, desceu-lhe até à mão e, antes de o cérebro poder processar o que se preparava para fazer, puxou o braço atrás e esmurrou a prateleira.

A dor que lhe fendeu os nós dos dedos e as costas da mão libertou-se num grito que o fez soar como um animal ferido. Sentiu o corpo sacudido pela vontade de chorar. Para não lhe ceder, para não se render como se rendera no sofá naquela noite e deixar que viesse tudo à tona, porque havia demasiado que não podia vir à tona, cruzou os braços contra a prateleira e escondeu o rosto.

Daniel, já alguns metros à frente no corredor, ainda sem se ter dado conta de que ele não estava ao seu lado, voltou-se num salto ao ouvir a sua explosão.

— Alex…

Correu para o seu lado e rodeou-lhe os ombros com o braço colossal. Puxou-o com força contra si, abraçou-o e sussurrou-lhe qualquer coisa ao ouvido que, no meio do pranto e dos soluços, ele demorou algum tempo a entender.

— Tens de te acalmar… Tens de ter calma…

Quando a ladainha de Daniel se tornou percetível, a raiva cresceu e Alexandre afastou-o com um safanão.

— *Calma?* Queres que tenha calma?! — Alexandre abafou o que queria dizer. Fechou os olhos e tentou respirar fundo e recuperar a máscara que antes envergara, mas não conseguiu. — Porque é que nos arrastaste para isto?

Abriu os olhos para ver os de Daniel arregalarem-se. Viu-o abanar a cabeça e percebeu que o magoaria com o que diria a seguir, mas não conseguiu conter-se.

— Porque é que nos chamaste de volta? Porque é que me obrigaste a trazer a Mariana para isto? Foda-se, estávamos tão bem e tu deste cabo de tudo! *Porquê?*

— Porque preciso de vocês!

O grito de Daniel foi tão visceral que Alexandre recuou como se ele lhe tivesse batido. Fechou os olhos, incapaz de encarar a mágoa que emanava do olhar do amigo, mas isso não a aplacou.

— Achas que vos queria trazer para esta merda? Achas que fiquei muito contente por vos obrigar a sentir o mesmo que eu senti quando tiraram o Francisco daquela cova?

— Não…

— Claro que não, meu! Não sei quem raio achas que sou, mas acredita que não fiquei aos pulos de contente por ter de vos chamar para o meio deste pesadelo! E devias saber, melhor que ninguém, que, se vos chamei, foi porque não consigo aguentar isto sozinho!

Alexandre anuiu, sem conseguir traduzir em palavras aquilo que precisava de o fazer entender, porque nem ele próprio entendia ainda. Daniel passou as mãos trémulas pelo cabelo, antes de se aproximar e lhas pousar nos ombros.

— Desculpa ter-vos arrastado para isto.

— Não, eu é que tenho de pedir desculpa. Não devia ter dito aquilo.

— Se estivesse no teu lugar, e tivesse conseguido seguir em frente com a minha vida e depois alguém me obrigasse a voltar para este maldito sítio, também o mandava para o caralho.

Daniel sorriu ao ver os cantos da boca de Alexandre curvarem-se num sorriso.

— Acredita que também me apetece rebentar. Apetece-me desde que olhei para aquele buraco na terra e vi o Francisco lá em baixo.

— Foi horrível, não foi?

— Foi a pior coisa que vi na vida.

— Por isso, ainda tenho menos razão para ter dito aquilo. Sei que não querias obrigar-nos a lidar com isto. E, se estivesse no teu lugar, também daria em louco sozinho.

— Eu sei. Mas controlaste-te bem até agora.

— Foi só porque tinha a Mariana comigo.

— Não querias que ela visse o quanto isto te deita abaixo?

— Não. Não quero ser o raio de um fardo para ela.

Viu que Daniel não compreendia. Mas claro que não compreendia. Mariana construíra uma tal *persona* para os outros, erguera à sua volta uma armadura tão realista, que toda a gente achava que era realmente uma cabra dura de roer, sem sentimentos.

Mas ele já a desarmara o suficiente para saber que não era nada assim.

— Eu sei que, olhando para ela, parece que não precisa de nada nem de ninguém, mas acredita que precisa.

— E esta é uma dessas vezes.

— É, é mesmo. Ela é a pessoa mais forte do mundo, mas até a Supermulher precisa de baixar o escudo de vez em quando.

— Então, está na hora de ires buscar o teu — declarou Daniel, com um aceno solene. — Precisamos todos dele.

A CORRENTE

Gabriela, Alexandre, Mariana e Daniel são amigos desde o berço, elos de uma corrente que se diria inquebrável. Até que, no início daquele que se adivinhava o melhor verão das suas vidas, Francisco desaparece sem deixar rasto.

Sem saberem lidar com a perda e o choque, os quatro começam a afastar-se. Mariana, Alexandre e Gabriela deixam Santa Cruz, a terra onde cresceram e onde o fantasma de Francisco permanece. Daniel é o único que fica para trás, a ansiar pelo dia em que os amigos consigam suportar a dor do regresso.

Só que, após nove anos, este regresso é antecipado pela descoberta do cadáver de Francisco numa cova que se julgava livre no cemitério.

A investigação do seu homicídio, que também motiva a vinda dos inspetores César Delgado e Rodrigo Gonçalves para Santa Cruz, traz à tona a mágoa e as mentiras que os quatro amigos partilharam e tentaram a grande custo manter enterradas ao longo dos anos, revelando que a amizade que os une já não é a fachada perfeita que um dia foi. Mas aquilo de que nenhum desistirá é de descobrir quem matou Francisco e quem lhes roubou o futuro risonho que poderiam ter tido ao seu lado.

Filipa Amorim constrói uma história carregada de dor, amizade, amor e perda, sem deixar de lado os ingredientes de um bom policial: o mistério, a dúvida constante e a busca pela verdade.

Penguin Random House Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

penguinlivros

ISBN: 978-989-596-756-8

9 789895 967568